

## **Materiais didáticos impressos e digitais de ensino de português como segunda língua para alunos surdos**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo elencar os principais materiais didáticos de ensino de português como segunda língua (PL2) para surdos, em suas versões impressas e digitais, a fim de averiguar qual a realidade dos materiais que têm sido utilizados atualmente nesse contexto de ensino. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica, a partir de uma busca na internet, de trabalhos relacionados ao tema. Os materiais citados nas pesquisas, sendo nove impressos e três digitais, foram brevemente apresentados e discutidos. Após essa revisão bibliográfica, verificou-se que os materiais didáticos, no geral, são bastante escassos, nem todos estão acessíveis aos professores, além de a maioria não apresentar uma metodologia adequada ao ensino de PL2 para surdos.

**Palavras-chave:** Educação bilíngue. Ensino de português como segunda língua para surdos. Materiais didáticos.

## **Printed and digital teaching materials of portuguese as a second language for the deaf students**

**ABSTRACT:** This article aims to list the main teaching materials of Portuguese as a second language (PL2) for the deaf, in their printed and digital versions, in order to ascertain the reality of the materials that have been used in this teaching context. For that, a bibliographical review was carried out, based on an internet search of works related to the theme. The materials cited in the surveys, nine of them printed and three digital, were briefly presented and discussed. After this bibliographic review, it was verified that the teaching materials, in general, are very scarce, not all are accessible to the teachers, besides the majority does not present a suitable methodology for the PL2 teaching for the deaf.

**Keywords:** Bilingual education. Teaching Portuguese as a second language for the deaf. Teaching materials.

Eva dos Reis Araújo Barbosa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Linguística Aplicada na linha de pesquisa Linguagem e Tecnologia, pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo sido bolsista do CNPQ. Especialista em Tradução/Interpretação e Docência de Libras, pela Unintese/UTP. Graduada em Letras, Licenciatura em Português e Bacharelado em Estudos Linguísticos do Português, pela FALE/UFMG. E-mail: eva.letasufmg@hotmail.com

## Introdução

Este artigo diz respeito à primeira iniciativa realizada para uma pesquisa de Doutorado em desenvolvimento, na área de Linguística Aplicada, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Reinildes Dias, que tem como tema norteador os Materiais Didáticos (MD) como recursos pedagógicos para o ensino de Português como Segunda Língua (PL2) para alunos surdos.

Nesse sentido, alguns termos da área da surdez são essenciais para este trabalho, tais como: (1) *surdo* ou *pessoa surda*, aquele(a) que faz parte de uma minoria linguístico-cultural e utiliza a Língua de Sinais (LS), independentemente do seu grau de surdez (SKLIAR, 1997); (2) *Língua de Sinais*, que é uma língua espaço-visual, recebida pelos olhos e produzida pelas mãos, sendo utilizada pela comunidade surda para a comunicação; (3) *Língua Brasileira de Sinais (Libras)*, que foi reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão” dos surdos brasileiros, a partir da Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002); e (4) *Educação Bilíngue*, defendida como a proposta educacional mais adequada para estudantes surdos, visto que considera a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa (LP) na variante escrita como segunda língua (L2) (QUADROS, 1997).

No contexto do ensino de PL2 para surdos, uma das dificuldades enfrentadas pelos professores é o fato de que existem poucos MD, tanto impressos quanto digitais, que estejam disponíveis e acessíveis no mercado. Dessa forma, os próprios docentes acabam tornando-se responsáveis pela busca e/ou pela elaboração/adaptação de seus materiais (BARBOSA; BARTHOLOMEU, 2016, p. 6). De acordo com Santos (2012), os MD criados pelos professores, em sua maioria, não contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes surdos, visto que, muitas vezes, esses profissionais não dispõem de tempo suficiente, além de não contarem com uma formação específica na área de ensino de PL2 para surdos.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é elencar quais são os principais MD de PL2 para surdos, em suas versões impressas e digitais, a partir de uma revisão bibliográfica de pesquisas publicadas sobre essa temática. Segundo os dados do último censo realizado pelo

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 5% da população brasileira possui algum tipo de deficiência auditiva, ou seja, cerca de 10 milhões de pessoas<sup>2</sup>. Nesse sentido, este trabalho se justifica pelo fato de apresentar e discutir qual é a realidade dos materiais que têm sido utilizados atualmente pelos professores de português para surdos, os quais necessitam de um ensino voltado às suas especificidades linguísticas e educacionais.

Para tanto, após esta introdução, apresenta-se uma breve contextualização a respeito da Educação de Surdos no Brasil e trata-se da realidade e das especificidades necessárias aos MD voltados ao ensino de surdos. Posteriormente, especifica-se a metodologia utilizada neste artigo, seguida de uma apresentação e discussão dos MD citados nas pesquisas encontradas durante a revisão bibliográfica. Por fim, propõem-se algumas considerações finais.

### **Educação de surdos no brasil: breve contextualização**

Esta seção apresenta uma breve contextualização a respeito da Educação de Surdos no Brasil, sendo dividida de acordo com as três propostas educacionais voltadas para esse público, a saber, o *Oralismo*, a *Comunicação Total* e a *Educação Bilíngue*.

#### **1- Oralismo**

Segundo Barbosa (2016), a Educação de Surdos no Brasil seguiu basicamente o que foi proposto em outros países. O marco inicial foi a fundação da primeira escola de surdos, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (IISM), no Rio de Janeiro, em 1857, a mando de D. Pedro II, o qual contratou um professor francês surdo, chamado E. Huet (ROCHA, 2008). A abordagem de ensino, nessa ocasião, era o *Oralismo*, fundamentada na língua oral, com o intuito de aproximar os surdos “do modelo ouvinte, a fim de integrá-lo socialmente, sendo a língua oral vista mais como objetivo do que como instrumento do aprendizado global e da comunicação” (BERNARDINO, 2000, p. 29).

Segundo Goldfeld (2002, p. 30), “em razão dos avanços tecnológicos que facilitavam a aprendizagem da fala pelo surdo, a partir de 1860, o método oral começa a ganhar força”. Nesse sentido, vários profissionais investiram no aprendizado da língua oral de seus alunos surdos, defendendo a ideia de que a língua de sinais seria prejudicial para o aprendizado do

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: <<https://desculpenaoouvi.com.br/afinal-quantos-surdos-existem-no-brasil-spoiler-ninguem-sabe/>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

português (GOLDFELD, 2002).

Conforme aponta Carvalho (2009, p. 75), “a tendência de imposição do método oral de ensino de surdos viria a culminar no Congresso de Milão de 1880”, no qual estiveram presentes representantes de nove países e “ficou aprovado o método oral como único método credível para o ensino de surdos”. Essa proposta de ensino está relacionada à visão clínico-terapêutica da surdez, para a qual o surdo é

uma pessoa que não ouve e, portanto, não fala. É definido por suas características negativas; a educação se converte em terapêutica, o objetivo do currículo escolar é dar ao sujeito o que lhe falta: a audição, e seu derivado: a fala. Os surdos são considerados doentes reabilitáveis e as tentativas pedagógicas são unicamente práticas reabilitatórias derivadas do diagnóstico médico cujo fim é unicamente a ortopedia da fala (SKLIAR, 1997, p. 113).

A partir dessa perspectiva da surdez, a educação de surdos começou a ser vista como um processo de medicalização, “no qual as estratégias e recursos educacionais têm um caráter reparador, reabilitador, normalizador e corretivo” (RODRIGUES, 2008, p. 11). Esse modelo clínico, juntamente com a proposta oralista, foram preponderantes até a década de 1990, “quando uma nova visão de surdez destacou-se, principalmente em meio aos pesquisadores” (RODRIGUES, 2008, p. 11).

## 2- Comunicação Total

A partir de pesquisas na área das línguas de sinais, em especial a de William Stokoe, em 1960, a qual demonstrou que a ASL (*American Sign Language*) é uma língua com características semelhantes à língua oral, as instituições de ensino de surdos brasileiras passaram a adotar a Libras. Inicialmente, essa mudança se deu a partir da abordagem da *Comunicação Total*, que chegou ao Brasil na década de 1970, por meio de uma educadora de surdos chamada Ivete Vasconcelos (GOLDFELD, 2002).

Nesta abordagem, “todos os recursos ou modos semióticos são importantes e indispensáveis, tais como fala, leitura labial, escrita, desenho, dramatização, LS e alfabeto manual” (BARBOSA, 2016, p. 55). Dessa forma, essa proposta educacional seria “um híbrido do oralismo com o gestualismo e, diferentemente do oralismo, defenderia que somente o aprendizado da LO [língua oral] não asseguraria o pleno desenvolvimento do surdo” (GOLDFELD, 1997 *apud* RODRIGUES, 2008, p. 23).

Entretanto, a *Comunicação Total* foi bastante criticada pelo fato de adotar a utilização simultânea da fala e dos sinais, prática conhecida como *bimodalismo* ou *português*

*sinalizado*. Segundo Botelho (1998, p. 39, grifos da autora),

os proponentes do bimodalismo consideram que este sistema facilita a comunicação porque reúne duas possibilidades, fala e sinais, e assim beneficia surdos e ouvintes. No entanto, o ponto de partida é a maior facilidade que este sistema representa *para o ouvinte*, comparativamente à complexidade exigida pelo uso de língua de sinais, que implica no desenvolvimento de habilidades e estratégias visuais, às quais pessoas ouvintes estão pouco ou nada acostumadas. Enfim, o bimodalismo pretende resolver o problema *do ouvinte*, nem sempre disposto a alterar um cômodo e estabelecido lugar.

Apesar das críticas recebidas, a *Comunicação Total* foi mais eficaz do que o *Oralismo*, no que diz respeito ao ensino de surdos, visto que “ela possibilitou a presença da LS na escola como um auxílio na aquisição da língua falada e escrita” (RODRIGUES, 2008, p. 24).

A partir do surgimento de uma nova perspectiva em relação aos surdos, conhecida como socioantropológica, a surdez passou a ser compreendida como uma experiência visual, isto é, como uma “diferença” e não como uma “deficiência”. De acordo com Rodrigues (2008, p. 13), “considerar a surdez através desse modelo implica, primeiramente, respeitar e aceitar o surdo em sua diferença e especificidades linguística e cultural”, isto é, aceitar a língua de sinais usada pelos surdos no processo educacional, bem como permitir sua participação em seu próprio processo de transformação pedagógica. Ainda de acordo com o autor,

a difusão da visão sócio-antropológica da surdez nas últimas décadas do século XX possibilitou aos educadores uma nova maneira de se pensar o processo de ensino-aprendizagem de surdos. Apropriando-se dessa visão, muitos professores de surdos propuseram novas estratégias de ensino vinculadas ao uso da LS e ao reconhecimento da necessidade de se ensinar a LP como L2 (RODRIGUES, 2008, p. 13).

A partir dessa visão, surgiu a proposta da *Educação Bilíngue*, a qual reconhece o surdo em sua diferença e especificidade (RODRIGUES, 2008).

### **3- Educação Bilíngue**

Segundo Rodrigues (2008, p. 26), a proposta da *Educação Bilíngue* “apresentou-se, a partir dos anos 90, não só como uma reação às filosofias educacionais anteriores, mas como a expressão de uma nova visão sobre a surdez os surdos e a LS”. Nesse sentido, tal proposta “valoriza a LS como meio de desenvolvimento do surdo nas diversas áreas do conhecimento”,

tenda a finalidade de “desenvolver a linguagem, o pensamento, a cognição, a consciência e sua identidade como qualquer outro indivíduo” (RODRIGUES, 2008, p. 26).

A *Educação Bilíngue* ganhou força no Brasil, principalmente após a publicação da Lei de Libras (Lei nº 10.436/2002), já citada na introdução deste artigo, e do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual trata: (a) da inclusão da Libras como disciplina curricular; (b) da formação do professor de Libras e do instrutor de Libras; (c) do uso e difusão da Libras e da LP para o acesso das pessoas surdas à educação; (d) da formação do tradutor/intérprete de Libras/LP; (e) da garantia do direito à educação e à saúde das pessoas surdas; e (f) do papel das instituições públicas e privadas no apoio ao uso e à difusão da Libras.

Assim, a *Educação Bilíngue* para surdos brasileiros é uma abordagem usada pelas escolas que estão dispostas a tornar acessíveis à criança surda duas línguas no contexto escolar: a Libras e a LP escrita (QUADROS, 1997). Contudo, Albres (2010a) salienta a dificuldade de implementação dessa proposta no atual contexto de inclusão escolar dos surdos nas escolas regulares, em virtude de questões relacionadas à escassez de profissionais capacitados, à falta de MD e de procedimentos de avaliação que atendam às necessidades específicas dos surdos, bem como à disponibilidade de “métodos e procedimentos de ensino suficientemente eficazes para que o surdo alcance correção na sua produção de leitura e escrita” (ALBRES, 2010a, p. 38).

Conforme aponta Barbosa (2016, p. 56), “embora pareça que cada uma dessas abordagens de ensino de surdos (*Oralismo, Comunicação Total e Educação Bilíngue*) foi sucedida por outra abordagem e se extinguiu, na realidade, não foi isso que ocorreu”. De acordo com Goldfeld (2002, p. 33), “atualmente, essas três abordagens convivem no Brasil, e pode-se dizer que todas têm relevância e representatividade no trabalho com surdos”.

Na próxima seção, trata-se brevemente da realidade dos MD de PL2 para alunos surdos e das especificidades desse público-alvo.

### **Materiais didáticos de português como segunda língua para surdos: realidade e especificidades**

Segundo Silva e Guimarães (2015, p. 145), “o mercado editorial não apresenta publicações de português como L2 para surdos; o que se encontra são trabalhos com ‘sugestões’ de atividades a serem desenvolvidas pelos professores”. Ademais, em relação ao

nível básico 1 da LP, não há “publicações para surdos, nem mesmo no âmbito das instituições públicas ou de instituições de ensino particulares” (SILVA; GUIMARÃES, 2015, p. 145).

Nessa perspectiva, os professores de PL2 para surdos são responsáveis pela elaboração/adaptação de seus próprios MD. De acordo com Teixeira e Baalbaki (2014, p. 30), os materiais utilizados pelos docentes como base para a adaptação podem ser: “a) materiais para o ensino de LP como língua materna; b) materiais para o ensino de LP como língua estrangeira, dando maior ênfase nos últimos”. Apesar de as autoras não comentarem o motivo dessas escolhas, acredita-se que os MD de ensino de português como língua estrangeira sejam utilizados pelos docentes pelo fato de apresentarem uma metodologia diferenciada, levando em consideração os falantes de outras línguas, isto é, os que não têm o português como língua materna. Teixeira e Baalbaki (2014, p. 30) também apontam que

as adaptações feitas (por exemplo, transcrição de diálogos orais gravados em CD-ROM e sua tradução em Libras, apresentada em Power Point) já demonstram uma faceta da produção de materiais. Por tal condição, a adaptação deve ser considerada como uma forma de contribuir para a capacidade de elaborar MD; competência que deve fazer parte da formação de qualquer professor de línguas. Em outros termos, a adaptação de MD já é, em certa medida, uma forma de elaborá-los. Há uma forte relação entre as duas atividades.

Além disso, alguns professores elaboram totalmente seus MD, isto é, sem inspiração em outros já existentes, e a tarefa de adaptação também pode ser considerada, de certa forma, como uma criação. Contudo, Teixeira e Baalbaki (2014, p. 30) salientam que deve ser realizada a seguinte pergunta: “Até que ponto os professores de língua portuguesa conhecem e reconhecem as ‘necessidades’ de seus alunos surdos?”.

Conforme apontam Teixeira e Baalbaki (2014), as peculiaridades da Libras, bem como a falta de contato do professor com a comunidade surda, são fatores que dificultam a elaboração/adaptação de MD de PL2 para suas aulas. Ademais, conforme já citado, os materiais voltados para esse contexto de ensino são escassos e, os que existem, não apresentam o conteúdo e seus usos sociais, a partir de uma pedagogia direcionada ao estudante surdo. Dessa forma, mesmo estando inserido no espaço físico dos alunos ouvintes, no caso do processo de inclusão educacional, o aluno surdo não consegue aprender de maneira satisfatória a LP em sua modalidade escrita (TEIXEIRA; BAALBAKI, 2014).

A pedagogia citada por Teixeira e Baalbaki (2014) diz respeito à Pedagogia Visual,

também conhecida como Pedagogia Surda, a qual se ergue “sobre os pilares da visualidade, ou seja, tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender” (CAMPELLO, 2008, p. 10). Desse modo, a Pedagogia Visual é elaborada e voltada para os surdos, levando em consideração seu modo de compreender o mundo, a partir de suas experiências visuais. De acordo com Baalbaki (2013, p. 7),

uma pedagogia visual no ensino de PL2 para alunos surdos deve seguir um funcionamento específico. Não se trata de mostrar imagens e aplicar atividades nos mesmos moldes do ensino dessa língua para ouvintes. As atividades de leitura de imagens, por meio da língua de sinais, devem suscitar o conhecimento prévio sobre a temática, promover o conhecimento de mundo do aluno, ampliar o vocabulário do aluno em sua L1 e auxiliar na realização de inferências. Em seguida, há apresentação do texto escrito em língua portuguesa [e a construção de sentidos pelos alunos].

Além dos recursos visuais, ao produzir um MD de PL2 para estudantes surdos, é importante levar em consideração as especificidades educacionais destes alunos, visto que sua realidade é bastante heterogênea e complexa. Nesse sentido, são decisivos, por exemplo, fatores como

o grau da surdez (profunda, severa, moderada, leve), a origem da surdez (congenita ou adquirida – e, no último caso, a idade da perda da audição), o fato de os pais serem ou não surdos, a sensibilidade dos pais e educadores para as necessidades de comunicação do surdo, em particular a capacidade dos mesmos na utilização da língua de sinais, as políticas públicas de educação e saúde (SALLES *et al*, 2004, p. 78).

Marinho (2015) apresenta alguns recursos que podem ser explorados pelos professores de PL2 para surdos, ao elaborarem seus MD. Segundo a autora, “tendo como base a LIBRAS e suas características visuais e gestuais, a imagem apresenta-se como aliada à proposta de ensino-aprendizagem do aluno surdo”. Os vídeos em Libras também são ferramentas essenciais, visto que eles “permitem que o aluno identifique, mais facilmente, os elementos de LP2 [Língua Portuguesa como Segunda Língua] abordados”, tendo em vista que “ele consegue relacionar o conteúdo aprendido com os elementos presentes em sua L1” (MARINHO, 2015, p. 141). Ainda de acordo com a autora,



a utilização de imagens de objetos, bem como esquemas de como uma determinada estrutura funciona, também auxiliam o processo de aprendizagem da LP2 pelo aluno surdo, pois o aluno poderá visualizar a forma com [sic] um texto deve ser estruturado ou mesmo fazer associações entre os objetos que fazem parte de seu cotidiano com a representação gráfica desses elementos em LP (MARINHO, 2015, p. 141).

Além disso, é importante ressaltar também o papel da cultura e da identidade dos surdos, de modo que haja uma identificação do aprendiz e sua aprendizagem seja facilitada (CAMPELLO, 2007 *apud* MARINHO, 2015). Isso pode ser realizado, por exemplo, a partir da introdução de elementos próprios da cultura surda nos MD, tais como a Literatura Surda, as personalidades surdas, curiosidades sobre seu modo de agir e de se relacionar com seus pares, entre outros.

A seguir, apresenta-se a metodologia empregada neste trabalho.

## **Metodologia**

Para a revisão bibliográfica deste artigo foi realizada uma busca na internet de estudos (artigos, dissertações, teses) relacionados ao tema e sem um período de tempo de publicação específico, em três *sites*: (1) Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); (2) Portal da *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*); e (3) *Google Acadêmico*. Foram digitadas as seguintes palavras-chave durante a busca: “materiais didáticos”; “português”; “surdos”. Após a busca, os trabalhos encontrados foram lidos, a fim de verificar se estes citavam os nomes e as características de MD de PL2 para surdos, e, dentre eles, foram selecionados seis artigos e uma dissertação, os quais serão apresentados e discutidos na próxima seção.

Os MD impressos citados nas pesquisas foram: um material de ensino de LP como língua materna, adaptado para o ensino de surdos, por meio de vídeos em Libras (RAMOS, 2013); três publicações voltadas a professores, contendo alguns exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula (SALLES *et al* 2004; QUADROS; SCHMIEDT, 2006); duas orientações curriculares e um projeto de ensino, próprios da cidade de São Paulo; um livro de atividades de LP ilustradas em Libras (ALMEIDA; DUARTE, 2004); e um livro de PL2 voltado ao público de jovens surdos (ALBRES, 2010b).

Já em relação aos MD digitais foram citados nas pesquisas: um material de PL2, aplicado por meio da plataforma digital ELO (*Ensino de Língua Online*) (MARINHO, 2015), em 2015; um curso de produção escrita em LP, implementado no Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*, no ano de 2016 (BARBOSA, 2016); e um material de PL2 para crianças surdas, disponibilizado em formato digital<sup>3</sup>, contendo vídeos em Libras (SILVA; GUIMARÃES, 2015).

A seguir, encontram-se a apresentação e a discussão dos MD citados pelos autores dos artigos selecionados para a revisão bibliográfica.

### **Materiais didáticos citados nas pesquisas: apresentação e discussão**

Conforme citado na seção anterior, durante a revisão bibliográfica de pesquisas relacionadas ao ensino de PL2 para surdos, foram localizados nove MD impressos e três digitais. Nesse sentido, esta seção está dividida entre os dois tipos de materiais encontrados, de modo a facilitar a apresentação e a discussão destes.

#### **1- Materiais no Formato Impresso**

O primeiro material impresso, citado por Ramos (2013) e Silva e Guimarães (2015), é a *Coleção Pitangüá*, adaptado a partir de um material voltado ao ensino de português como língua materna, e publicado no ano de 2008, pela Editora Moderna. A coleção, denominada *Português*, traz livros destinados a alunos do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental, originalmente criada para alunos ouvintes, sendo traduzida em Libras, a partir de uma iniciativa do Ministério da Educação, e distribuída gratuitamente para as escolas nas quais há alunos surdos matriculados.

---

<sup>3</sup> O material citado está disponível para *download* no *site*: <<http://www.lettras.ufmg.br/portuguesl2surdos/>>. Acesso em: 27 abr. 2019.



Figura 1: Livro e CD-ROM em Libras  
 Fonte: <<http://ensinodeportuguesparasurdos.blogspot.com>>.

Em relação à produção da coleção, Ramos (2013, p. 7) explica que "foram desenvolvidas diversas atividades que possibilitaram a tradução destes materiais", tais como atividades específicas de tradução, estudos e pesquisas relacionados ao ato de traduzir. A autora também salienta que:

O resultado do trabalho, que destacamos ser inédito no mundo, ou seja, não existe nenhum outro país que tenha produzido e distribuído gratuitamente para seus alunos surdos materiais didáticos bilíngues como foi feito pelo MEC/FNDE: a produção possibilitará que os alunos surdos das escolas da rede pública recebam seus kits da *Coleção Pitangüá*, no total de 416.627 volumes (livro em papel e CD-ROM), incluindo a reedição do *Trocando Idéias: Alfabetização e Projetos* (RAMOS, 2013, p. 7).

Contudo, segundo Silva e Guimarães (2015, p. 145), a tradução de um MD de LP como língua materna não é suficiente para convertê-lo “em material adequado para os surdos, já que esses aprendizes vão aprender o português como L2”. O material também recebeu algumas críticas de professores que tiveram contato direto com os livros da coleção em sala de aula. De acordo com Ramos (2013), alguns docentes disseram que o CD-ROM não é bilíngue, visto que apenas reproduz fielmente o português escrito no livro impresso. Além disso, outros professores não acreditavam que os estudantes surdos seriam capazes de acessar os mesmos conteúdos que os estudantes ouvintes, ao passo que outros narraram não se sentirem aptos a auxiliar seus alunos surdos, por ainda não conhecerem a Libras. Entretanto, conforme aponta Ramos (2003, p. 8),

o mais importante é que esta ação abriu uma porta que nunca mais se fechará, já que a proposta do Livro Didático Digital Bilíngue (Português e Libras) passou a

ser uma realidade e não mais um sonho e sua utilização, avaliação, adequação e ampliação, certamente, será uma questão de tempo.

Outros oito materiais impressos foram citados no levantamento realizado por Santos (2012), no qual a autora constatou “a carência de livros e publicações disponíveis, principalmente aqueles que seguem o modelo do livro didático tradicional da escola” (SANTOS, 2012, p. 4), ou seja, aquele que é avaliado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os três primeiros materiais localizados pela autora são: (1) *Ideias para ensinar português para alunos surdos* (QUADROS; SCHMIEDT, 2006); (2) e (3) *Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica* – volumes 1 e 2 (SALLES *et al*, 2004).

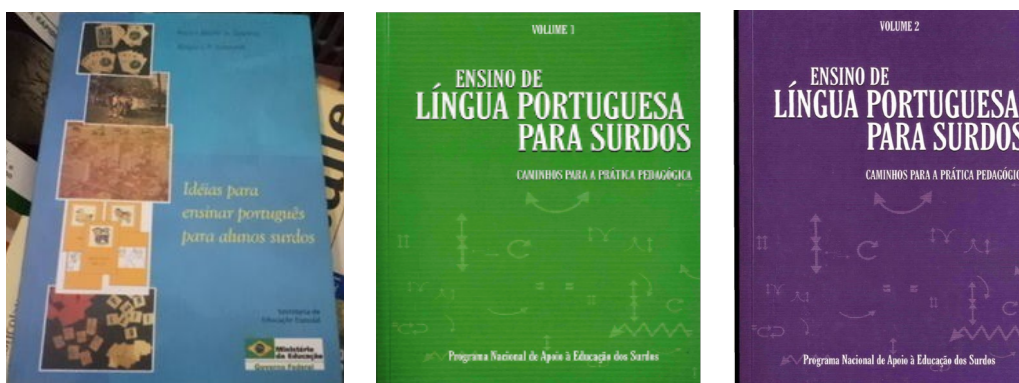


Figura 2: Manuais voltados para professores

Fonte: <<http://oficinadelibras.blogspot.com>>.

Segundo Santos (2012, p. 5), esses materiais, que são disponibilizados pelo Ministério da Educação, são compostos por uma estrutura semelhante, visto que “primeiramente apresentam questões teóricas da educação dos surdos, Libras, bilinguismo etc. Em seguida apresentam alguns exemplos de atividades que os professores podem adotar na sala de aula”. A respeito dessas atividades, Silva e Guimarães (2015, p. 146) apontam que estas “não apresentam uma progressão [...] conforme o nível de aprofundamento em diferentes níveis de conhecimento pelos aprendizes”. Dessa forma, tais atividades podem acabar sendo utilizadas em períodos de aprendizagem inadequados, fazendo com que estas não façam sentido para o aluno surdo e o objetivo esperado pelas autoras não seja atingido.

Os próximos materiais citados por Santos (2012) são iniciativas da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: (1) *Orientações curriculares – Proposição de*

*expectativas de Aprendizagem: Língua Portuguesa para pessoa surda* (SÃO PAULO, 2008a); (2) *Orientações curriculares – Proposição de expectativas de Aprendizagem: Língua Brasileira de Sinais* (SÃO PAULO, 2008b); e (3) *Projeto Toda Força ao 1º ano – contemplando as especificidades dos alunos surdos* (SÃO PAULO, 2007).

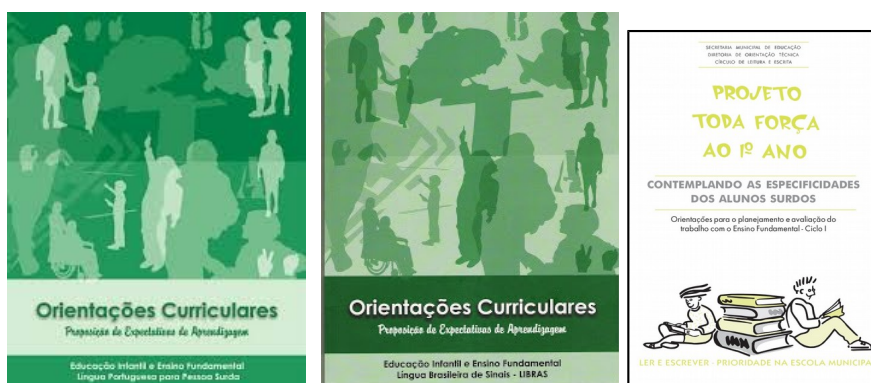


Figura 3: Publicações da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo  
 Fonte: <<http://ensinodelibras.blogspot.com>>.

Em relação a esses materiais, Santos (2012, p. 5) cita que neles “encontramos uma estrutura que apresenta a situação da educação dos surdos e sua condição linguística”, além de conter também ideias e exemplos de atividades que podem ser utilizados pelos professores. A autora enfatiza que, nos dois primeiros casos, por serem orientações curriculares, “esses materiais possuem as expectativas de ensino e aprendizagem para os alunos” (SANTOS, 2012, p. 5).

A respeito desses materiais de iniciativa de órgãos voltados à Educação, como a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e o Ministério da Educação, Miranda e Freitas (2015, p. 66) apontam que é possível verificar que “a educação bilíngue começa a ganhar ações efetivas dessas instituições, pois elas estão preocupadas em promover um desenvolvimento pleno dos alunos surdos”. É importante ressaltar que, os seis materiais citados, podem ser encontrados tanto em versões impressas quanto em PDF, e estão disponíveis na internet.

Os dois últimos MD, citados no levantamento de Santos (2012), dizem respeito aos seguintes livros impressos: (1) *Atividades ilustradas em sinais da Libras* (ALMEIDA; DUARTE, 2004); e (2) *Português... Eu quero ler e escrever* (ALBRES, 2010b).



Figura 4: Materiais Didáticos impressos

Fonte: <[www.saraiva.com.br/](http://www.saraiva.com.br/)> e <<http://ensinodeportuguesparasurdos.blogspot.com>>.

De acordo com Santos (2012), esses dois materiais não apresentam discussões teóricas relacionadas ao ensino de PL2 para surdos nem sobre sua situação linguística, mas algumas propostas de atividades. Sobre o primeiro livro, a autora aponta que este “apresenta uma série de atividades voltadas para a aprendizagem de vocabulário [da Língua Portuguesa]” (SANTOS, 2012, p. 5), por meio da tradução dos vocábulos em português para os sinais da Libras.

O segundo livro, da autora Neiva de Aquino Albres, publicado em 2010 pelo Instituto Santa Terezinha, volta-se especificamente para alunos surdos adolescentes (a partir dos 12 anos de idade), usuários da Libras (ALBRES, 2010b). Segundo a própria autora, o material

é dinâmico, e integra atividades de conversação por escrito fazendo uso de diversas tecnologias [digitais], compreensão de leitura, no contexto do dia-a-dia do jovem surdo brasileiro. [...] Seu principal destaque é a interatividade, possibilitada pelo uso de tecnologias, como: msn, blog, e-mail, em que os alunos e professores poderão interagir de forma mais significativa (ALBRES, 2010b, p. 5).

Conforme aponta Santos (2012, p. 6), o livro *Português... Eu quero ler e escrever* “se destaca como uma boa fonte para alunos e professores que trabalham com o ensino de LP para surdos, pois é uma tentativa de uso de textos completos e não apenas palavras isoladas e descontextualizadas”. Entretanto, Silva e Guimarães (2015, p. 145) salientam que tal material “também demanda conhecimentos prévios dos alunos, já que o nível dos textos não condiz com aprendizes iniciantes de PL2 e é explicitamente endereçado a adolescentes”.

De acordo com Santos (2012), esses dois últimos materiais foram adquiridos por ela

em *sites* de venda de livros, ou seja, não foram publicados por instituições públicas e não estão acessíveis na internet. Ainda segundo a autora, após uma breve análise realizada nos materiais encontrados foi possível constatar que:

- a) O número de materiais publicados para o ensino de LP para surdos é limitado;
- b) Os materiais disponíveis não estão acessíveis a todos os professores;
- c) As atividades ligadas ao ensino de vocabulário desvinculado do contexto são frequentes nesses materiais;
- d) Não dispomos de publicações nos moldes dos livros didáticos [tradicionais].

## 2- Materiais no Formato Digital

O primeiro MD de PL2 para surdos, em formato digital, trata-se do livro *Português para crianças surdas: leitura e escrita no cotidiano* (SILVA; GUIMARÃES, 2018). Esse material foi produzido por professores e estudantes das áreas de Letras (responsáveis pela criação do conteúdo) e *Design Visual* (responsáveis pela programação visual) da Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 2014 a 2018. O livro é voltado para crianças surdas, a partir dos 8 anos de idade, usuárias da Libras (SILVA; GUIMARÃES, 2016) e conta com a versão do aluno e do professor.



Figura 5: Material Didático digital

Fonte: <<http://www.lettras.ufmg.br/portuguesl2surdos/>>.

Segundo Silva e Guimarães (2015), uma importante etapa do desenvolvimento deste MD é a programação visual, uma vez que

o público-alvo são crianças usuárias da Língua Brasileira de Sinais, e que a oralização não é pré-requisito para o acompanhamento do material, o aprendizado do português escrito como L2 deve se apoiar exclusivamente em estímulos visuais.

[...] Com isso, busca-se contribuir para o desenvolvimento de estratégias visuais que possam auxiliar no ensino do português escrito a crianças surdas, considerando a escassez de materiais com essa abordagem no Brasil (SILVA; GUIMARÃES, 2015, p. 150).

Este material é disponibilizado para *download* em PDF e contém *links* de vídeos do conteúdo em Libras, hospedados no *site* do *Youtube*, podendo também ser acessados por meio de *links* que foram inseridos nas páginas do livro. De acordo com o *site* do projeto no qual o livro pode ser encontrado,

a proposta deste material didático é ser um apoio ao trabalho do professor de português como segunda língua para crianças surdas, trabalho este que envolve simultaneamente o ensino da escrita (os usos sociais da leitura e da escrita, bem como o sistema alfabético) e do português. [...] Pensando nisso e considerando a Libras como principal língua de instrução, elaboramos também pequenos vídeos em Libras que introduzem ou sistematizam conteúdos tratados no livro e podem ser usados pelo professor em sala de aula e como referência para o planejamento das aulas<sup>4</sup>.

Outro MD, em formato digital, foi proposto por Marinho (2015) e realizado a partir de seu projeto de pesquisa, intitulado *O uso da imagem no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa para alunos surdos*, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). O objetivo principal de seu projeto era

buscar ferramentas que possam auxiliar professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem de LP. [...] [Tem] como pilar a utilização de recursos visuais que possam atuar como agentes facilitadores no processo de aprendizagem do aluno surdo, visto que, desse modo, todo o material estará pautado nas especificidades pertinentes à cultura surda, permitindo que o aluno surdo possa estar, efetivamente, inserido no contexto de sala de aula (MARINHO, 2015, p. 141).

Nesse sentido, a autora explorou bastante o uso de imagens e de vídeos em Libras e utilizou, para a sua implementação, a plataforma virtual *Ensino de Língua Online* (ELO). O material foi composto por quatro módulos, com duração de dois meses cada um, e foi realizado a partir do uso de diferentes gêneros textuais, tais como bilhete e mensagem instantânea (módulo 1); história em quadrinhos e tirinhas (módulo 2); contos de fadas e contos maravilhosos (módulo 3); e poesia (módulo 4). Em relação ao seu MD, a pesquisadora salienta que:

---

<sup>4</sup> Informação disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/portuguesl2surdos/>>. Acesso em: 05 jan. 2019.



É importante ressaltar que o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita pelo aluno surdo não deve ser considerado apenas como a sobreposição de imagens com atividades pensadas, originalmente, para alunos ouvintes. É necessário adaptar o material seguindo uma metodologia específica de forma a atender às necessidades do aluno surdo (MARINHO, 2015, p. 144).

Por fim, uma iniciativa recente de MD digital foi realizada durante a pesquisa de Mestrado de Barbosa (2016). Neste trabalho, o objetivo principal da autora era analisar “o papel de recursos multimodais em um curso de produção textual, na modalidade EAD [Educação a Distância], com foco nos parâmetros da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)” (BARBOSA, 2016, p. 35). O público-alvo de seu curso eram os alunos surdos que estavam cursando ou que já haviam concluído o Ensino Médio e que tinham conhecimento, mesmo que básico, da Libras e da LP escrita. Para a implementação de seu material, que contou com vídeos em Libras, imagens, esquemas, mapas conceituais e língua escrita, a autora utilizou o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment)*.

Ao final de sua pesquisa, Barbosa (2016) constatou que a exploração de diversos recursos multimodais no ensino de surdos proporciona “um aprendizado mais interativo, visual e efetivo por parte desses estudantes, que não possuem a LP escrita como L1, mas uma língua espaço-visual, percebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (BARBOSA, 2016, p. 262).

### **Considerações finais**

O objetivo deste artigo foi listar os principais MD de PL2 para surdos, tanto impressos quanto digitais, com o intuito de averiguar qual a realidade dos materiais que são utilizados pelos professores de surdos, por meio de uma revisão bibliográfica de trabalhos publicados a respeito dessa temática. Para tanto, foi realizada na internet uma busca de artigos, dissertações, teses, dentre outras pesquisas, na área de ensino de PL2 para surdos, e os materiais citados nesses trabalhos foram brevemente apresentados e discutidos.

Após a leitura e a discussão dos trabalhos encontrados na revisão bibliográfica, verificou-se que os MD, no geral, são bastante escassos e nem todos estão acessíveis aos

professores. Principalmente no caso dos materiais impressos, percebeu-se que a maioria não se trata de um livro didático (nos moldes tradicionais), mas de manuais voltados aos docentes, contendo algumas sugestões de atividades, sem uma diferenciação dos níveis de conhecimento dos aprendizes surdos. Ademais, esses materiais, nem sempre, apresentam o conteúdo por meio de uma metodologia adequada ao público surdo, o que acaba impedindo que sua aprendizagem ocorra de maneira satisfatória.

Segundo Leite e Cardoso (2009), os livros existentes no mercado não contemplam as especificidades que os estudantes surdos apresentam na leitura e na escrita da LP, visto que há uma inadequação metodológica, que ignora “sua condição de aprendiz de segunda língua” (FERNANDES, 2007, p. 10). Tal constatação demonstra que, “conhecer melhor como as crianças surdas se apropriam da linguagem escrita ainda é um grande desafio” (LEITE; CARDOSO, 2009, p. 3445).

No caso dos materiais digitais, notou-se que já existe uma preocupação maior em atender às especificidades educacionais dos alunos surdos, a partir do uso de vídeos em Libras, imagens, cores, entre outros recursos visuais que facilitam a aquisição do conhecimento por esses estudantes, inseridos em uma cultura visual (FREIRE, 2003).

Espera-se que este trabalho fomente pesquisas na área do ensino de PL2 para alunos surdos, principalmente no que diz respeito à produção de MD voltados a esse público-alvo, levando em consideração que os resultados apontam para uma escassez de publicações que sejam adequadas para uma aprendizagem significativa desses estudantes que apreendem o mundo por meio da visão.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. *Surdos e inclusão educacional*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010a.

ALBRES, Neiva de Aquino. *Português... Eu quero ler e escrever* (material didático para usuários de LIBRAS). São Paulo: Instituto Santa Terezinha, 2010b.

ALMEIDA, Elizabeth Crepaldi de; DUARTE, Patrícia Moreira. *Atividades Ilustradas em Sinais de Libras*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. A formação do professor e o processo de ensino-

aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos. *Pesquisas em Discurso Pedagógico*, Rio de Janeiro, v. 01, p. 01-09, 2013.

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. *Navegando no Universo Surdo: a Multimodalidade a favor do Ensino de Português como Segunda Língua em um Curso EAD*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo; BARTHOLOMEU, Isabela Catarina Soares. Ensino de Português como Segunda Língua: análise dos aspectos gráfico-editoriais de uma unidade didática voltada a alunos surdos. *Revista Virtual de Cultura Surda*, n° 17, fev., 2016, p. 1-31.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. *Absurdo ou Lógica?: Os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BOTELHO, Paula. Educação de Surdos: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. In: SEMINÁRIO SOBRE LINGUAGEM, LEITURA E ESCRITA DE SURDOS, 01, 1998, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, CEALE, FALE/UFMG, 1998, p. 34-45.

BRASIL. *Lei n° 10.436*, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá providências. Brasília: 2002.

BRASIL. *Decreto n° 5.626*, que regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: 2005.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Pedagogia Visual na educação dos surdos- mudos*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CARVALHO, Paulo Vaz de. *História da Educação de Surdos I*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

EDITORA MODERNA. *Projeto Pitangua: Português*. São Paulo: Moderna, 2008.

FERNANDES, Sueli. *Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações*. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2007.

FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Surdez e Tecnologias de Informação e Comunicação. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria. *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidade*. São Paulo: Plexus, 2003.

GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 5 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LEITE, Jáison Gonçalves; CARDOSO, Cancionila Janzkovski. Inclusão escolar de surdos:

uma análise de livros de alfabetização. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3, 2009, Pará. *Anais...* Pará: Pontifícia Universidade Católica do Pará, 2009, p. 3434-3446.

MARINHO, Mariana Schwantes. Recursos para a elaboração de material didático no ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos: uma proposta curricular. In: BAALBAKI, Angela *et al* (Orgs.). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações* (8). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015, p. 139-152.

MIRANDA, Dayse Garcia; FREITAS, Luciana Aparecida Guimarães de. O livro didático digital na educação dos surdos: uma releitura sobre atividade proposta no livro de português, 1ª série do Projeto Pitangua. In: SEMANA DE EVENTOS DA FACULDADE DE LETRAS, 12, 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2015, p. 63-75.

QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Clélia Regina. Livro Digital em Libras: uma proposta de inclusão para estudantes surdos. *Revista Virtual de Cultura Surda*, nº 11, jul., 2013, p. 1-11.

ROCHA, Solange Maria da. *O INES e a Educação de Surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. 2 ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

RODRIGUES, Carlos Henrique. *Surdez e surdos no Brasil*. 2008.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima *et al*. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Volumes 1 e 2. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2004.

SANTOS, Eli Ribeiro dos. O ensino de Língua Portuguesa para surdos: uma análise de materiais didáticos. *Anais do SIELP*, Uberlândia, v. 02, n. 01, p. 1- 12, 2012.

SÃO PAULO. *Projeto Toda Força ao 1º ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, Diretoria de Orientação Técnica, 2007.

SÃO PAULO. *Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental: Língua Portuguesa para pessoa surda*. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, Diretoria de Orientação Técnica, 2008a.

SÃO PAULO. *Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental: Língua Brasileira de Sinais*. São Paulo: Secretaria

Municipal de Educação, Diretoria de Orientação Técnica, 2008b.

SILVA, Giselli Mara da; GUIMARÃES, Angélica Beatriz Castro. Desenvolvimento de materiais didáticos de português para surdos articulando necessidades da educação básica e formação de graduandos. In: SEMANA DE EVENTOS DA FACULDADE DE LETRAS, 12, 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2015, p. 143-156.

SILVA, Giselli Mara da; GUIMARÃES, Angélica Beatriz Castro. Materiais didáticos para o ensino de português como segunda língua para surdos: uma proposta para o nível básico. In: GONÇALVES, Luis (Org.). *Português como língua estrangeira, de herança e materna: abordagens, contextos e práticas*. New Jersey: Boavista Press, 2016, p. 79-96.

SILVA, Giselli Mara da; GUIMARÃES, Angélica Beatriz Castro. *Português para crianças surdas: leitura e escrita no cotidiano*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2018.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação & Exclusão: abordagens sócio- antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997, p. 75-110.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Novos caminhos: pensando materiais didáticos de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos. *Extensão*, Uberlândia, v. 13, n. 02, p. 25-36, jul./dez., 2014.